

INSTITUT FRANÇAIS DE LISBONNE

Avenida Duarte Pacheco

1092 Lisbonne. Tel. 65 50 88
Collex

respondido

Pascal FLEURY
Professeur



Lisbonne le 2 nov 1974

Madame,

Je viens de lire votre entretien avec
R. SAUTEREAU dans "LA VIE" et je veux
seulement vous témoigner de ma
sympathie dans cette recherche constante,
rencontre de la politique et de la foi -

Votre "appel aux vivants", c'est le point
de départ de nombreuses vocations -

Bon courage.

Avec l'expression de mes sentiments
respectueusement amicaux -

Pascal Fleury

P.S. Quelques articles, comme une petite méditation
sur les fies ... en témoignage de sympathie -

16.11.78



A emergência poética

(Poiêsis: acção de fazer, de criar)

Por PASCAL FLEURY

O DESEJO

O desejo é soberano. Aquele desejo de viver melhor, de viver mais. O desejo nos homens e nas mulheres de poderem realizar-se, vencer limites demasiado estreitos impostos simultaneamente pelas situações e pela linguagem...

...Desejos secretos, mais ou menos confessados; sonhos inocentes no coração de crianças, a própria riqueza do imaginário subitamente mobilizada, riqueza de cada um...

...Trazer os arquivos no peito, opor os desejos aos teóricos já reputados? O homem não é grande senão pela dimensão dos seus desejos, pelos seus desejos mais loucos, talvez... mas que marcam finalmente a nossa presença no mundo, sendo a marca da nossa sede, da nossa fome de sentido...

...Uma teologia do desejo

seria o ponto de partida para uma cultura de apelo...

A LINGUAGEM

A criança é prisioneira da sua linguagem. O défice linguístico das crianças pertencendo a meios economicamente desfavorecidos é um «handicap» de pesadas consequências.

Hoje a linguagem ressentese da sua própria insuficiência. A escrita dissimula como um cosmético; a linguagem tapa, dissimula.

Surge então um projecto. Comunicar de outra forma; romper a barreira das palavras e recusar a linguagem que fala de outras linguagens, comentários doutros comentários, discursos doutros discursos.

...Assim nasce o desejo de olhar o Outro (pela linguagem). Pelo corpo.

O CORPO

A sexualidade torna-se o lugar privilegiado, particular, on-

de todas as exigências e todas as angústias resultantes das nossas frustrações vêm procurar solução.

O casal procurará aí a expressão do seu amor e a pequena comunidade marginal buscará aí a libertação dos tabus, que, pensa-se, bloqueavam a passagem a relações mais verdadeiras, mas autênticas.

É a descoberta deste instrumento banal que um quotidiano fastidioso, idelas e preconceitos jansenistas tinham reduzido ao estado tabu pecaminoso.

Ela o gesto que diz tudo. O coração na ponta dos dedos. A retórica da carícia, onde tocar o Outro é entrar na sua vida.

Experiência indispensável que permitirá o advento de uma reflexão com múltiplas formas.

O PENSAMENTO

Esta nova forma de pensamento é o triunfo do organiz-

mo sobre a organização. Uma primeira etapa a atingir.

É a emergência a cada passo desta linguagem que escapa a todas as ditaduras precedentes: ditadura da linguagem e do corpo.

O pensamento apoiar-se-á sobre a linguagem e sobre o corpo para exprimir as suas escolhas.

É a etapa terminal dos poderes da mulher e do homem. O regresso das etapas anteriores já com um novo modo de olhar, uma nova interrogação... O corpo pode mesmo ter enfraquecido e disso se ressentir. Suporta-se mal e, todavia, eis que a resposta parece brotar como uma nova promessa contendo todas as outras.

Emergência de algo de novo, de um novo ritmo. Um apelo.

O SENTIDO

Atingir o sentido é percorrer o caminho com desvios por vezes imprevisíveis, inéditos, surpreendentes...

Um modelo de futuro permitirá superar as contradições. A verdade procedeu por emergências sucessivas. Os nossos múltiplos erros vêm agora enriquecer a trama da história. Tornam-se até elementos concretos da nossa fé.

É o envelhecimento do mundo pode bem inscrever-se na linguagem ou no corpo, como no espírito. Pouco importa, pois agora é amanhã que somos jovens: novos como jovens amantes que inventam gestos certamente pouco hábeis, mas delicados e ternos.

Esperar e ter esperança do enraizamento na vida.

Falar enfim de uma palavra habitada por uma presença, por uma história.

Executar em si o desejo do futuro.

(Tradução de Maria Pereira Ferreira).

publicidade

15 DIAS ESPECIALÍSSIMOS

Durante 15 dias oferecemos-lhe algo de diferente na compra de um carro Eurocasion.

Venha informar-se. Esperamos por si.

CENTRO EUROCASION
Av. Praia da Vitória, 7-LISBOA

Não há razão para V. desistir de ter um carro.
A Eurocasion dá-lhe vantagens de um carro novo na compra de um carro usado: estado impecável e segurança completa.

A PALAVRA NO EXÍLIO

Por PASCAL FLEURY

«Je est un autre»
ARTHUR RIMBAUD

«Alargar o seu caso particular até ao universal e ao eterno humanos.»
JOSÉ REGIO

O discurso poético é reprimido pela gravidade, pela inclinação natural dos homens e das coisas. Demasiadas barreiras vêm paralisar este mundo eternamente nómada, sempre pronto a levantar ferro. Este grito subjacente a todas as grandes obras deste século, a afirmação absoluta de Rimbaud: «Je est un autre!», marca o ponto de partida duma aventura cuja sintaxe é feita de suportes simbólicos que não mentem. Orestes, Édipo e Antígona são-nos próximos, e a sua interrogação, o seu desafio está na origem do nosso imaginário, do nosso exílio. O exílio do sentido provoca igualmente o triunfo da ordem alfabética — portanto, do mais idiota —, enquanto a retórica desenvolve por todos os meios as suas figuras vazias justamente adequadas para ornamentar as angústias de alguns juizes instalados.

E todavia, vão-se a pouco e pouco desenhando as novas formas dum sonho

muito antigo. Como permanecer insensível a este tempo de convergência que vivemos? Como não sentir crescer em si a informação original no jogo indefinido dos contrários, das contradições? Não é o domínio do ruído mas do silêncio que se escuta, do acontecimento tornado lei; domínio das imagens que perturbam o circuito habitual do pensamento. Em última análise, a aventura do significado está ligada ao exercício dum poder, de todos os poderes. O homem recebe a dupla herança da verdade e dos poderes — dualidade essencial. Ai tocamos nas origens, num direito de primogenitura — quiza o direito do poeta?

A fronteira do Mesmo

O esquarterar é um fantasma, a expressão da heterogeneidade do ser. É a fonte de bem dos males, tanto para os indivíduos como para as sociedades! De que outra unidade se poveria de unidade real, mar a palavra comum senão justamente a conformidade do Mesmo? Porém, por outro lado, como exorcizar esse fantasma primário? Encontrar uma unidade que não seja a amável conformidade ambiente? Numa palavra, como aceitar as tensões que restaram?

Estas perguntas, cada um as conhece, ou antes, cada um as vive a seu modo, no dia-a-dia, na mediocridade dum quotidiano aceite demasiadamente depressa.

As fronteiras da pertinência oficial asseguram a coerência esquecendo que não basta dar um nó para unir. Para além desta fronteira conhecida e quotidianamente celebrada se abre o reino do significado. Para lá da fronteira do Mesmo se abre o reino do Outro — o da diferença, da não conformidade, do ser.

É com uma diferença que eu posso dizer, escrever. Eu gostaria sempre «diferentemente» pois que não posso enriquecer o outro senão com a minha diferença. Nada mais lhe posso dizer senão os meus

desejos, essas solidões por vezes pesadas para se usar. Não posso senão estabelecer-me numa tensão, numa intensão que traz o significado das coisas.

Eis aí os contornos da ecologia humana onde o sentido não pode ser pré-existente, onde não há pronto-a-vestir de significações.

A aventura das palavras

A aventura das palavras é a aventura dos signos. Duma ortopraxia na qual se inscreve todo o envelhecimento do mundo moderno, mas do qual tudo se pode aguardar e tudo esperar do enraizamento na vida. Para isso é necessário evitar de cair na enorme tautologia das linguísticas que não autorizam outros discursos sem ser com palavras despóticas. Esta análise da linguagem está para a poesia como a prestidigitação pa-

ra a magia; piscar de olho apolado, esoterismo cuidado, retórica que petrifica o campo de consciência, o da percepção.

O espaço do signo, ao contrário, é o de uma liberdade que começa a pensar; lembrança dum desejo permanente, duma intensão. A significação é um fruto maduro inseparável duma espera, duma função imaginária que nunca terá acabado de explorar, de convidar a inteligência a novas leituras. Amar a linguagem é muito mais que estudar. Com efeito, para defender a língua é preciso defender uma vontade de ser, procurar um rosto no seu acto.

Quem não sente a urgência dum tal programa? Quem não sonha com uma linguagem em que vinte linhas seriam de mais para falar de um mistério?

(Tradução de Maria Ester Torres)

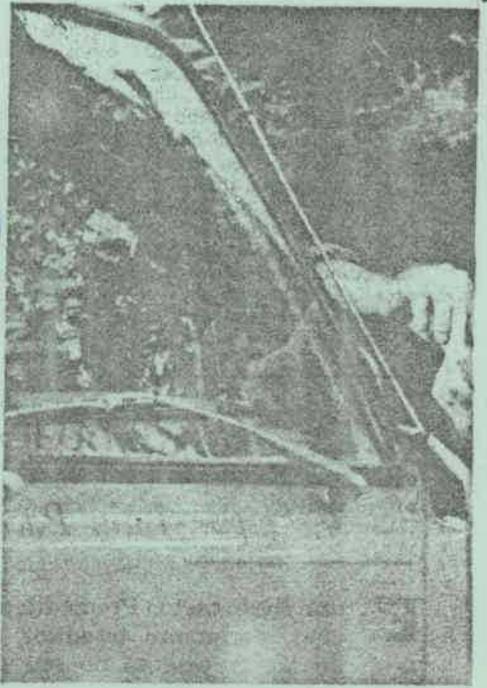
CO
Agua
nove
bra,
pinto
cultu
te hc
buicã
Malhe
Ciênc
romar
edita
(Coin
de Ji
buido
Manu
manç
Livrar
«Prên
é ser
presti
rios
juri q
lingui
sido
do N
e Luí
A
Ricard
vão d
nos
bricer
ção. r

CICLO MAR

Por Vitor-Luis Grilo

Isto era antigamente. A praia. O sal. O silêncio. Eu fazia longas incursões ao mundo dos peixes. Depois fui revendo todos os antigos conceitos até atingir um estado de clareza absoluta. Clareza de lâmina. De sol. De planta. É por isso que às vezes acordo com raízes nos olhos. Pequenos líqüenes e algas de profundidade. Agora de alícerces quebrados fito a imensidade. Os grandes portos piscatórios. O voo da gaivota aparece-me ainda com qualquer coisa urgente e necessária.

Cuidar o Futuro publicidade



TOYOTA



1878, Viana do Castelo e Viseu. poeta, Tomás Ribeiro. O listas desenhadas por ...

A aventura das palavras

Por PASCAL FLEURY

ESTA aventura apoia-se num tempo criador e não linear. Uma qualidade e não uma quantidade. No ser, repousa. A sua ordem não é alfabética.

O tempo criador é aquele pelo qual se desmultiplicam os meios de comunicação, a minha capacidade de dizer. É a elaboração duma informação nova preparada laboriosamente. Informação original e não a facilidade insípida do discurso sobre outros discursos.

*

É um tempo de convergência. Um tempo «multidisciplinar» por definição. Não há pronto-a-vestir de signos. O leitor não é um consumidor de palavras.

O futuro para o qual os professores deveriam trabalhar é uma estruturação de culturas vindouras. Aos modelos estéticos, simétricos triunfante como parténons opõem-se modelos complexos, criadores dum futuro em que a comunicação ocupará o primeiro lugar.

*

NÃO é o domínio do barulho, é o domínio da escuta. Não é o domínio duma perspectiva mas o do inesperado. São as imagens que incomodam os circuitos habituais do pensamento.

A participação do corpo na criação.
O triunfo do organismo sobre a organização.
O olho volta a ser selvagem.

*

É então que o pensamento é polimorfo, atento a todas as relações, às diferenças, ao jogo indefinido dos contrários. A aventura das palavras é a aventura dos signos. A do sentido, do exercício dum poder de origens muito longínquas. Uma espécie de direito do mais velho. O direito do poeta, sem dúvida?

O envelhecimento do mundo pode muito bem gravar-se na linguagem e no corpo, como no espírito. Pouco importa, visto que se pode atingir tudo e tudo esperar do enraizamento na vida.

A palavra «temura» pode significar temura mas pode também significar um génio amoroso das coisas e dos seres que deveria evitar a queda na enorme tautologia duma linguística

que só autoriza um discurso com palavras despóticas.

Uma certa linguística assim aplicada à linguagem está para a poesia como a prestidigitação para a magia; um piscar de olhos intencional, esoterismo cuidado com uma ponta de requinte teológico, chamamento dos padres desta nova igreja.

O espaço do signo é pelo contrário o espaço de uma liberdade que começa a pensar o mundo. É o chamamento dum desejo permanente. Duma intenção.

*

SE a aventura das palavras, os progressos da linguística e de todas as suas escolas, este grande debate sobre a linguagem marcam uma etapa útil e necessária, não é preciso para isso reencontrar velhas máscaras, novas abstrações que finalmente só viriam encobrir um edifício em ruínas.

O fruto maduro da significação é inseparável de uma espera, dum desejo, duma função imaginária que jamais acabará de explorar o mundo; de convidar a inteligência a uma sempre nova e incessante leitura do mundo.

*

AMAR a linguagem é muito mais que estudá-la e tornar-se um especialista. É estar à escuta de um rumor que cresce lentamente, com um tic que sobe. Um rumor de silêncio.

Defender a língua, é defender uma vontade de ser, «procurar uma cara no seu acto», diz o poeta Ramos Rosa.

*

É preciso acabar com os catecismos, os discursos sobre os discursos. Voltar a ser um «Amator» (amator aquele que ama)

«Não sou nada.
«Nunca serei nada.
«Não posso querer ser nada.
«A parte disso tenho em mim todos os sonhos do mundo...»
começa Pessoa na Tabacaria.

A aventura das palavras começa, assim, hoje. Abre-se sobre um universo em que Saint-John Perse responde a Pessoa que dialoga com Rilke no «nada» fundamental: pobreza do Ser mas também o acolher dum mundo que nasce sob os nossos olhos.